

9

O almirante Drayson inclinou-se na poltrona e sacudiu a cabeça:

— Sinto muito, Calrissian, general Bel Iblis — declarou pela décima vez desde que a conversa se iniciara. — Não podemos arriscar.

Lando respirou fundo, tentando reunir o que lhe restava de paciência. Afinal, era o seu trabalho que o almirante estava jogando fora, de forma casual.

— Almirante...

— O risco não é tão grande assim, almirante — intercedeu Bel Iblis, com mais habilidade e cortesia do que Lando dispunha. — Eu lhe mostrei pelo menos oito lugares de onde podemos tirar uma fragata de assalto por menos de dez dias do serviço.

— Do jeito que vai, o Grande Almirante Thrawn poderia tomar mais três setores em dez dias. Vocês querem dar a ele a chance de tomar quatro? — indagou Drayson.

— Almirante, estamos falando de uma única fragata e não de uma dúzia de cruzadores estelares e uma estação de batalha orbital — lembrou Lando.

— O que Thrawn poderia ter na manga que uma única fragata fosse capaz de impedi-lo?

— O que pode fazer contra um estaleiro bem defendido com um única nave? Vamos encarar os fatos, cavalheiros: quando se luta contra alguém como Thrawn, todas as regras normais são esquecidas. Poderia atirar uma rede tão fina e transparente que não a veríamos até que fosse tarde demais. Já fez isso.

Lando fez uma careta; porém dificilmente poderia culpar Drayson por sua atitude. Dois meses antes, quando ele e Han foram levados até a base secreta de Bel Iblis, ele mesmo estivera convencido de que tudo aquilo era um esquema gigantesco que Thrawn criara para confundi-los. Demorara até a batalha do *Katana* para mudar de idéia e descobrir que aprendera uma lição útil.

— Almirante, todos aqui concordamos que Thrawn é um estrategista brilhante — observou, escolhendo as palavras. — Mas não

podemos presumir que todos os acontecimentos fazem parte de um esquema monumental que está preparando. Ele apanhou meus estoques de metal e deixou a Cidade Nômade fora de operação. A probabilidade indica que é tudo o que queria.

— Acho que "probabilidade" não é o suficiente, Calrissian — argumentou Drayson. — Me dê uma só prova de que o Império não irá tirar vantagem da ausência de uma fragata de assalto e lhe empresto uma.

— Ora, vamos, almirante...

— E se eu fosse você — interrompeu o militar, começando a recolher seus cartões de dados. — Pensaria em abandonar esse projeto em Nkllon. Muitos de nós ainda lembram que foram suas naves mineradoras que Thrawn usou em seu ataque contra o estaleiro de Sluis Van.

— E foi esse conhecimento que impediu o ataque de ser bem sucedido — lembrou Bel Iblis. — Muitos de nós lembram disso, também.

— Essa idéia presume que queria as naves — respondeu Drayson, levantando-se. — Eu, acredito que ele desejava apenas deixá-las fora de ação. Agora, se me desculpam, cavalheiros, tenho uma guerra para coordenar.

Ele saiu e Lando suspirou, derrotado.

— Que se dane — desabafou, recolhendo os cartões.

— Não fique preocupado com isso — aconselhou Bel Iblis, espreguiçando-se. — Não é com você e a Cidade Nômade... sou eu. Drayson sempre foi um dos que consideravam discordar de Mon Mothma como um passo aquém da colaboração com o Império.

— Pensei que você e Mon Mothma tivessem acertado as diferenças — comentou Lando.

— Acertamos — declarou o corellian, dando de ombros e dirigindo-se para a porta. — Mais ou menos. Ela me convidou para participar da Nova República, eu aceitei a liderança dela e oficialmente tudo está bem. Mas velhas lembranças demoram a passar. E tenho de admitir que o meu departamento da Aliança depois de Alderaan poderia ter sido tratado com mais diplomacia. Você está no andar dos Convidados do Presidente?

— Estou. E você?

— Também. Vamos, eu acompanho você até lá em cima. Saíram da sala de conferência e caminharam pelo corredor ornados com arcos, em direção aos turboelevadores.

— Acha que pode mudar de idéia? — perguntou Lando.

— Drayson? — Bel Iblis sacudiu a cabeça. — Nem por decreto. A menos que consigamos tirar Mon Mothma da sala de guerra e colocar você no lugar. Tirando a importância estratégica da Cidade Nômade, imagino que ainda deva um favor ou dois.

Lando recordou-se da cena em que pediu a Ackbar dispensa do posto de general.

— Talvez os favores não signifiquem nada enquanto ele acreditar que pode ser uma cilada. Depois de ter acontecido o que aconteceu em Sluis Van.

— E verdade — concordou Bel Iblis, observando preocupado o Grande Corredor à medida que caminhavam. — E tudo isso fica muito complicado com a presença dessa Fonte Delta que o Império plantou aqui no palácio. Só porque Thrawn não tem planos para Nkllon, não significa que não possa pensar em alguma coisa aproveitando nossa própria linha de ação.

— *Se* ficar sabendo — lembrou Lando. — A Fonte Delta não é omnisciente, sabia? Han e Leia conseguiram realizar missões importantes sem deixar vaziar informações.

— Provando mais uma vez a eficiência e a força de grupos pequenos. Ainda assim, quanto mais cedo se identificar essa fonte, melhor.

Passaram por mais um corredor lateral e Bel Iblis ficou apreensivo.

— Algum problema?

— Não sei. Não devia haver guardas nessa parte do palácio?

— respondeu Bel Iblis.

Lando olhou ao redor. Estavam sós.

— Será que não foram designados para a recepção, na outra ala?

— Eles estavam aqui quando cheguei. Quando vim do quarto, vi pelo menos dois.

— E o que acha que pode ter acontecido? — perguntou Lando, sentindo uma sensação de arrepio na nuca.

— Não tenho a menor idéia. Você está armado?

— O desintegrador está no quarto. Jamais me passou pela cabeça que fosse precisar dele aqui.

— Não vai precisar — assegurou Bel Iblis, procurando algo nas vestes.

— Deve haver uma explicação simples e razoável para isso tudo.

— Claro — concordou Lando, apanhando o comunicador.

— Vamos ligar para a Segurança e saber... — interrompeu-se quando nada aconteceu. — Bem, parece que a sua explicação simples complicou. E agora?

— Temos de encontrar alguma forma de avisar a Segurança. Muito bem. O turboelevador em frente não vai adiantar... só vai para a área residencial. Mas existe uma escadaria que desce para a área central. Vamos experimentar por lá.

— Boa idéia. Mas vamos passar no meu quarto primeiro, para apanhar o desintegrador — lembrou Lando.

— Certo. Só que vamos passar direto pelo turboelevador. As escadas são mais silenciosas e seguras.

De fato, a escadaria estava tão deserta como o corredor que acabavam de deixar. Bel Iblis deixou a escadaria e abriu a porta de comunicação, fazendo com que o companheiro parasse. Adiantando-se com cautela, Lando olhou para o corredor de seu andar.

Adiante, afastando-se deles, avançando com cautela pelo corredor, havia uma figura solitária. Uma mulher esguia com cabelos ruivos e um pequeno desintegrador na mão.

Mara Jade.

Lando ouviu um leve ruído metálico quando Bel Iblis sacou o desintegrador. Fazendo gestos para que o amigo também avançasse, o general seguiu em silêncio atrás dela.

Quando Mara atingiu a esquina, já a haviam alcançado.

— Muito bem, Jade — disse Bel Iblis, em voz baixa. — Bem devagar, agora. Acabou a brincadeira.

Por um instante, Lando pensou que ela iria discutir, pois voltou a cabeça devagar, espiando por sobre o ombro.

— Calrissian! — exclamou Mara, com evidente alívio na voz, que também demonstrava tensão. — Existem homens do Império no palácio, vestidos como agentes da Segurança. Acabei de ver quatro deles.

— Interessante — comentou Bel Iblis, estreitando os olhos e fixando o olhar nela. — Para onde você ia?

— Achei que talvez fosse uma boa idéia descobrir o que estão a ponto de fazer — respondeu Mara, com ironia. — Quer ajudar ou não?

O general arriscou uma olhada para o corredor.

— Não estou vendo ninguém. Talvez já tenham descido. Acho que a maior probabilidade é a recepção para os sarkan, ou talvez a sala de guerra.

De repente, tudo ficou claro para Lando.

— Não. Eles não desceram, *subiram*. Estão atrás dos gêmeos de Leia.

Mara praguejou.

— Você tem razão. Thrawn prometeu entregar os três para aquele maluco do C'baoth. Tem de ser isso.

— Vocês podem estar certos — admitiu Bel Iblis. — Onde é seu quarto, Calrissian?

— Duas portas para lá — respondeu Lando, apontando por sobre o ombro.

— Pegue sua arma. Você e Jade vão pelo corredor e sigam a escadaria principal para cima. Vejam se já chegou alguém lá; tentem avisar Leia e Solo. Vou descer para buscar reforços.

— Tenha cuidado. Talvez tenham deixado um guarda na escada — avisou Mara.

— Com certeza vão deixar pelo menos um homem no lance que sobe. Vocês tomem cuidado — respondeu Bel Iblis, pondo-se a caminho.

— Espere aqui — pediu Lando, caminhando em direção ao seu quarto.

— Já volto.

— Não demore, sim?

— Pode deixar.

Ele correu para o quarto, olhando de relance para Mara enquanto abria a porta. Ela continuava no mesmo local, voltada na direção do outro corredor, com uma expressão intensa e ao mesmo tempo vazia no rosto.

Aquele rosto. De alguma forma, lhe parecia familiar. Encaixado em algum momento do passado prestes a voltar à lembrança.

Expulsou as dúvidas da cabeça. Quem quer que ela tivesse sido, não era o momento apropriado para tais indagações. Han, Leia e os filhos estavam em perigo de morte... Cabia a ele e à Mara tentarem fazer alguma coisa.

Entrou com rapidez no quarto.

Leia Organa Solo. Leia Organa Solo. Acorde. Vocês estão em perigo. Acorde. Leia Organa Solo, acorde...

Sentindo uma espécie de falta de ar, Leia acordou e percebeu os últimos chamados da voz insistente que a despertara. Por alguns segundos, não conseguiu lembrar-se de onde estava. Os olhos percorreram o aposento, seguidos pela projeção da Força, tentando reconhecer os arredores. O último torpor do sono esvaiu-se e soube que estava em seu quarto, no Palácio Imperial- A seu lado Han ressonava; do outro lado do aposento os gêmeos estavam aconchegados nos berços; no aposento contíguo, Winter também dormia, sem dúvidas sonhando imagens com a nitidez do laser. E do lado de fora da suíte...

Leia franziu a testa. Havia alguém na porta externa. Não... mais de um. Cinco ou seis pelo menos, agrupados em frente à porta.

Levantou, as mãos procurando o sabre-laser e o desintegrador. Provavelmente não era nada grave. Talvez um grupo de seguranças reunidos ali para conversar antes de continuar as rondas. Porém se fosse assim, estariam quebrando várias regras de segurança. Teria de pensar numa forma diplomática para dizer isso a eles.

Avançando em silêncio pelo carpete grosso, Leia deixou o quarto e caminhou pela área de estar até a porta, em estado de alerta Jedi. Se pudesse identificar as vozes dos guardas, talvez pudesse falar com cada um em particular pela manhã.

Não chegou a se aproximar da porta. Parou a meio caminho, assim que começou a escutar um zunido baixo à frente. Apurou os ouvidos,

tentando ignorar as batidas do próprio coração: o som era quase inaudível, mas possuía uma qualidade peculiar. Sabia que já o escutara antes.

Então lembrou-se. Tratava-se do zunido característico do motor de uma arrombadora eletrônica. Alguém estava tentando arrombar a porta.

Enquanto estava parada ali, no meio do quarto, paralisada pelo choque, escutou a fechadura abrir-se.

Não havia tempo para correr, ou lugar onde pudesse abrigar-se... contudo, os arquitetos dos quartos haviam previsto esse tipo de situação. Levantando o desintegrador, Leia disparou dois tiros rápidos na porta, torcendo para que o mecanismo ainda funcionasse.

A madeira era uma das mais duras conhecidas na Galáxia e os disparos não chegaram a atravessar um quarto da espessura. Mas foi o suficiente. Os sensores embutidos registraram o ataque; enquanto o ruído dos tiros ainda ecoava, uma porta de metal desceu sobre a de madeira.

— Leia? — chamou Han atrás dela, parecendo distante por causa do zunido que ainda reverberava.

— Alguém está tentando arrombar a porta — disse ela, voltando para a porta do quarto, com o desintegrador na mão.

— Consegui fechar a porta blindada de emergência, mas não sei quanto tempo vai agüentar.

— Não muito — concordou Han, olhando para a porta. — Entre no quarto e chame a Segurança. Vou ver o que posso fazer para desanimá-los.

— Certo. Tenha cuidado. Eles não estão para brincadeiras — avisou ela.

Mal acabara de falar quando um estrondo sacudiu o aposento. Os invasores, abandonando a sutileza, haviam começado a tentar explodir a porta.

— E, acho que é sério mesmo — comentou Han, preocupado. — Apanhe Winter e Threepio e leve os gêmeos. Precisamos inventar alguma coisa rápido.

O primeiro som escutado pela escadaria da Torre poderia ter sido um disparo de desintegrador à distância... Mara não saberia dizer. O ruído seguinte, porém, não deixou margem a dúvidas.

— Isso é encrenca, sem dúvida — resmungou Calrissian. Mais um estrondo ecoou.

— Parece um desintegrador pesado — disse Mara. — Não conseguiram abrir a porta em silêncio.

— Ou só querem levar os gêmeos. Vamos indo.

Calrissian levantou-se.

— Espere um pouco — pediu ela, segurando-lhe o braço enquanto examinava o território à frente.

O grande arco do primeiro lance das escadarias terminava num patamar com uma balaustrada em pedra esculpida. De onde estavam podiam observar as aberturas dos lances mais estreitos, que continuavam para cima, como uma espiral dupla. Uma em cada extremidade do patamar. Ela apontou com o lábio.

— Esse é um ótimo lugar para a emboscada de um guarda na retaguarda e não tenho a menor vontade de levar uma descarga de desintegrador.

Calrissian resmungou algo para dar vazão à impaciência, mas ficou parado. No momento seguinte, porém, ficou contente por ter obedecido.

— Você tem razão — confirmou. — Tem alguém na escada da esquerda.

— Isso quer dizer que tem alguém do outro lado, também — completou Mara. Em seguida, estendeu seus sentidos, procurando entre os contornos de pedra. Agentes da Inteligência do Império aguardavam nas sombras. — E mais um de cada lado na escada principal, mais ou menos a dois metros da ponta.

— Estou vendo. Isso não vai ser nada fácil — comentou Calrissian. Olhou por sobre o ombro, para baixo. — Vamos, Bel Iblis, volte logo.

— E melhor mesmo ele se apressar. A porta de Organa Solo não vai agüentar muito tempo.

— Muito menos do que vamos levar para poder passar por esses guardas. Espere um pouco... fique aqui. Tive uma idéia.

— Onde vai?

— Para o hangar principal — explicou Calrissian, caminhando para a escadaria atrás deles. — Chewie estava trabalhando no *Falcon* agora à noite. Se ele ainda estiver lá, podemos subir pelo lado de fora da Torre e tirá-los do quarto pela janela.

— Está brincando? As vidraças são de aço transparente — argumentou Mara. — Você nunca vai conseguir quebrá-las sem matar todos lá dentro.

— Não vai ser preciso. Leia tem um sabre-laser. Mantenha esses sujeitos ocupados, sim?

Calrissian desapareceu escadaria abaixo, a correr. Mara voltou a atenção para os homens. Será que os tinham escutado? Provavelmente. Nesse caso, o agente que estava à esquerda ficaria mais exposto para atraí-la.

Pois Mara estava disposta a colaborar. Mudando a arma para a mão esquerda, apoiou o desintegrador contra a quina da parede, mirou com cuidado e...

O disparo vindo da outra escadaria arrancou pequenos estilhaços da pedra, que atingiram a mão dela. Mara praguejou e esfregou a pele atingida. Então queriam jogo duro? Pois ela também sabia fazer jogo duro. Empunhou com segurança o desintegrador e retornou ao corredor.

Foi a súbita sensação de perigo num canto da mente que lhe salvou a vida. Caiu de joelhos e por sobre sua cabeça passaram dois disparos vindos da frente, que a atingiriam em cheio. Na mesma hora atirou-se ao chão, aterrissando de lado, os olhos e o desintegrador voltado para o lado de onde os disparos vieram.

Havia dois homens, caminhando na direção dela pelo corredor ao lado oposto da escadaria. Enquanto rolava pelo chão, disparou duas vezes, errando os inimigos. Segurando a arma com as duas mãos, ignorando os disparos cada vez mais próximos, apontou para o atacante da direita e abriu fogo duas vezes.

O homem caiu ao chão, a própria arma ainda funcionando, acionada por movimentos espasmódicos. Sentindo um zunido mais próximo ao ouvido, Mara voltou-se para o segundo atacante, que apontava o desintegrador para ela...

E de repente, o ar ao redor dela tornou-se uma verdadeira tempestade de disparos. O agente do Império foi projetado pelo ar e tombou inerte.

Mara voltou-se. Meia dúzia de homens da Segurança subiam pela escada. Atrás deles vinha Bel Iblis.

— Você esta bem? — perguntou.

— Estou ótima — gritou ela, afastando-se da parede.

Foi bem a tempo. Os outros homens escondidos, vendo o elemento surpresa diluir-se, abriram fogo com toda a potência de que dispunham. Mara protegeu o rosto dos estilhaços de pedra. — Calrissian desceu até o hangar — informou ela.

— Eu sei, encontramos com ele quando subimos. O que aconteceu aqui?

— Tive um par de convidados atrasados, que quase me pegaram de surpresa. Voltavam do setor de Comunicações. Os amigos me mantiveram aqui esperando por eles. Quase funcionou — disse Mara, olhando para os corpos no corredor.

— Estou contente por não ter funcionado — comentou Bel Iblis. Depois olhou por sobre o ombro dela. — Pois não, tenente?

— Não vai ser fácil, senhor. Temos uma E-Web de repetição a caminho e assim que chegar, vamos poder tirá-los do patamar. Até lá, tudo o que podemos fazer é mantê-los ocupados e esperar que façam alguma besteira.

Bel Iblis assentiu, os lábios comprimidos, novas linhas de tensão lhe marcando os olhos. Era uma expressão que Mara via com raridade e apenas nos rostos dos melhores comandantes militares: era a feição de um líder preparando-se para enviar homens para a morte.

— Não podemos esperar — disse, com voz firme. — O grupo lá em cima vai abrir a porta de Solo antes da arma chegar. Precisamos passar agora!

O comandante da guarda respirou fundo.

— Entendido, senhor. Muito bem, homens, vocês escutaram o general. Vamos descobrir cobertura e dar duro neles.

Mara aproximou-se de Bel Iblis.

— Nunca vão conseguirão em tempo — murmurou ela.

— Sei disso. Mas quanto mais inimigos pudermos abater menos teremos em cima de nós quando os outros descerem as escadas — respondeu ele, também murmurando. Suspirou e completou: — Mesmo porque, devem descer com hóspedes.

Escutaram um estrondo final, uma série de ruídos metálicos depois o silêncio.

— Pela Galáxia! Acho que arreventaram a porta da frente — queixou-se Threepio no canto em que estava.

— Que bom que você está aqui, para nos dizer essas coisas — respondeu Han, irritado, os olhos movendo-se pelo quarto de Winter.

Leia sabia que se tratava de um exercício inútil a colocação de todos os móveis que podiam servir como anteparos sobre a porta. A cama de Winter e o grande baú apoiavam-se contra as duas portas de acesso. O guarda-roupa fora levado para perto da janela e virado de lado para servir como barricada. E era só o que podiam fazer. Até que os invasores entrassem, arrombando uma das duas portas, não podiam fazer outra coisa senão esperar.

Leia respirou fundo, tentando acalmar o coração disparado. Desde a primeira tentativa de seqüestro, ela fora capaz de imaginar que estavam atrás dela e só dela. Não se tratava de uma idéia agradável, mas habituara-se a ser perseguida depois de tantos anos de combate.

Desta vez era diferente. Ao invés de ser o alvo, eram os bebês. Bebês que agora podiam afastar dela e esconder em algum lugar onde jamais os encontraria.

Apertou a empunhadura do sabre-laser. Não. Não deixaria que isso acontecesse.

Escutou o som de madeira arreventando no outro cômodo.

— Lá se vai o sofá — resmungou Han. Mais um estrondo.

— E a cadeira. Não achei que fosse atrapalhar muito, mesmo.

— Pelo menos foi uma tentativa — encorajou Leia.

— Sabe, há meses que eu venho dizendo que precisamos de mais mobília.

A esposa sorriu e apertou-lhe a mão. Sempre podia confiar no marido para relaxar uma situação tensa.

— Isso não é verdade. Aliás, quase nunca está aqui — comentou Leia, sorrindo. Depois olhou para Winter, perto da janela com os dois

gêmeos. — Como estão?

— Acho que estão acordando — sussurrou Winter.

— Estão mesmo — confirmou a mãe, acariciando mentalmente cada um deles.

— Tente mantê-los quietos — pediu Han. — Nossos amigos aqui não precisam de nenhuma informação extra.

Leia assentiu, sentindo nova apreensão. Tanto o seu quarto quanto o de Winter, davam para a área de estar da suíte, o que proporcionava aos atacantes uma probabilidade de cinquenta por cento para cada porta. Com o tipo de armas que eles usavam, uma escolha errada não os atrasaria mais do que uns poucos minutos; contudo, alguns minutos podiam significar a diferença entre a vida e a morte.

O ruído de um desintegrador pesado interrompeu seus pensamentos. Proveniente da sala de estar, o estrondo viera da porta do quarto do casal. Por alguns instantes Leia respirou aliviada. Então o som repetiu-se, desta vez vindo da porta em frente à qual estavam. Deparando com duas portas, os inimigos haviam resolvido arrombar as duas.

Voltou-se para Han, que a fitava.

— Mesmo assim eles vão se atrasar um pouco. Precisam dividir o poder de fogo. Ainda temos algum tempo.

— Se a gente pudesse fazer alguma coisa... — desabafou Leia, olhando ao redor.

Os anos que passaram viajando com a Rebelião pela Galáxia haviam deixado sua marca em Winter, inculcando-lhe o hábito de não carregar nada desnecessário. O guarda-roupa, a cama, o baú; apenas isso. Nada além das portas de segurança, das janelas de aço transparente e das paredes nuas.

Paredes nuas...

De repente tornou-se consciente do sabre-laser em sua mão.

— Han? Por que não saímos daqui? — sugeriu ela, esperançosa. — Eu poderia cortar a parede para a próxima suíte e não precisaríamos parar. A gente chega até o corredor antes que consigam arrombar a porta.

— Eu tinha pensado nisso — revelou Han. — O problema é que eles também devem ter pensado.

Leia engoliu em seco. Os agentes do Império estariam prontos para essa contingência.

— Então que tal irmos para baixo? Acha que estariam esperando no andar de baixo?

— Você viu o Grande Almirante em ação. O que *você* acha? Leia suspirou, sentindo a esperança desvanecer-se. Ele tinha razão. Se Thrawn planejara aquele ataque, seria melhor abrir a porta de segurança e render-se. Tudo o que pudessem imaginar já teria sido antecipado com detalhes e tomadas as precauções destinadas a anular qualquer ação. Balançou a cabeça, numa negativa.

— Não. Ele não é infalível. Já conseguimos enganá-lo antes e podemos fazer isso de novo — declarou, olhando para Winter e os gêmeos, que ainda dormitavam embaixo da janela.

A janela...

— E que tal se a gente sair pela janela?

— Para onde? — perguntou Han.

— Para qualquer lugar — respondeu ela. Os desintegradores começavam a castigar a porta. — Para cima, para baixo, para o lado... qualquer lugar.

Ele ainda parecia chocado.

— Meu bem, no caso de ter esquecido, todas essas paredes são de pedra lisa. Nem Chewbacca poderia subir por elas sem equipamento.

— E por isso mesmo que não nos esperam por esse lado — argumentou Leia, olhando outra vez para a janela de aço transparente. — Talvez eu consiga fazer algum apoio para os pés e para as mãos com o sabre-laser...

Ela interrompeu-se, prestando atenção à janela. Não fora impressão sua, de fato, um par de faróis se aproximavam.

— Han...

— Mais companhia. Ótimo.

— Não acha que pode ser ajuda?

— Duvido muito. Só passaram alguns minutos desde que começou o barulho... espere um pouco!

Leia olhou para trás. Do lado de fora, as luzes começaram a piscar. Ela tentou prestar atenção ao padrão, procurando mentalmente

um código que se adaptasse.

— Capitão Solo! — chamou Threepio, excitado. — Como sabe, sou fluente em seis milhões de formas de...

— E Chewie — cortou Han, pondo-se de pé e agitando os braços em frente à janela.

— ...estes sinais parecem relacionados com um dos códigos utilizados por jogadores profissionais de sabacc...

— Precisamos abrir esta janela — disse Han. — Leia?

— Já vou — concordou ela, aproximando-se com o sabre-laser na mão.

— ...trapaceando por meio de...

— Cale a boca, lata-velha — ordenou Han, ajudando Winter e os gêmeos a saírem debaixo da janela.

As luzes ao lado de fora aproximavam-se e agora Leia podia distinguir a forma conhecida do *Falcon* contra as luzes da cidade. Uma lembrança desagradável veio à idéia: a primeira tentativa dos noghri em Bpfassh, quando usaram uma cópia do *Falcon* para atraí-los. Mas os homens do Império não saberiam os códigos dos jogadores de sabacc... ou saberiam?

Na verdade, não importava. Ela preferia enfrentar inimigos a bordo de uma nave do que ficar ali esperando que entrassem. E bem antes de subirem a bordo, podia saber com os sentidos Jedi se era de fato Chewbacca o piloto.

Leia acionou a lâmina do sabre-laser.

Atrás dela, com uma explosão final, a porta de segurança cedeu.

Ela girou, observando de relance entre a fumaça e as faíscas, dois homens empurrando o baú e mergulhando para o chão. Han obrigou-a a abaixar-se. Rajadas de tiros de cobertura atingiram a parede quando ela abandonou o sabre-laser e apanhou o desintegrador. Ao lado, Han retribuía os disparos, protegendo o corpo atrás do guarda-roupa. Mais quatro inimigos chegavam à porta, assestando suas armas sobre o velho móvel. Leia cerrou os dentes e juntou-se ao tiroteio, sabendo como seria inútil a reação e pensando que quanto mais tempo durasse o tiroteio, maior a chance de que um disparo perdido acertasse um dos gêmeos...

De repente, sem explicação, algo tocou sua mente. Uma pressão mental; metade sugestão, metade ordem. E o significado...

Leia tomou fôlego.

— Parem! Nós nos rendemos — gritou ela, acima do barulho.

Os tiros diminuíram, depois cessaram. Deixando o desintegrador sobre o armário destruído, ela levantou as mãos enquanto os dois inimigos no chão se erguiam com cautela. Tentou ignorar a indignação de Han. Avançou, com os braços estendidos para cima.

A balaustrada perto da escadaria da direita se desfez em estilhaços e poeira de pedra, quando atingida pelos disparos dos homens da Segurança. A reação, vinda da escada, acertou um dos guardas quando o parapeito de pedra cedeu. Mara arriscou um olhar para o canto, tentando enxergar, entre os disparos luminosos e os destroços, para ver se o fogo concentrado havia surtido o efeito desejado, ou se continuavam na mesma situação.

Funcionara. Através da fumaça que se dissipava, ela distinguiu um corpo retorcido e coberto de poeira.

— Pegaram um — avisou ela, voltando-se para Bel Iblis. — Faltam três.

— Mais todos os que estiverem lá em cima — lembrou ele com gravidade. — Vamos esperar que a sorte legendário de Solo se estenda a Leia, às crianças e a quem quer que esteja lá em cima e eles tomem como reféns.

— É a segunda vez que você menciona reféns — observou Mara. Bel Iblis deu de ombros.

— Os reféns são a garantia que saiam daqui. Tenho certeza que sabem disso. A única opção alternativa é a fuga numa nave e eu já disse a Calrissian para ordenar que alguns caças patrulhem o espaço aéreo sobre o palácio. Com o turboelevador bloqueado, só resta essa escadaria.

Mara fitou-o, um arrepio correndo por sua espinha. Com toda a agitação desde que tudo começara, ainda não tivera tempo para analisar as opções. Agora, as palavras de Bel Iblis e sua memória se combinavam para fornecer outra alternativa.

Por um instante ela permaneceu ali, pensando, e perguntando-se se os dados eram reais ou uma peça de sua imaginação. Mas, não. Tudo se encaixava, com uma lógica brilhante e a tática pessoal do Grande

Almirante Thrawn espalhada pelo plano como impressões digitais. Tinha de ser aquilo.

E teria funcionado... exceto por uma falha. Thrawn não sabia que ela estava ali. Ou não acreditava que ela fora a Mão do Imperador.

— Volto já — avisou ela a Bel Iblis.

Deu a volta e correu pelo corredor por onde viera, virando a seguir no próximo cruzamento, os olhos observando com cuidado a frisa esculpida como ornamento no alto das paredes. Procurava uma discreta marca, oculta em algum lugar naquela área.

Lá estava. Mara parou em frente aos relevos, de aparência igual ao restante da decoração. Olhou para os lados, verificando se estava sozinha. Skywalker e Organa Solo podiam encarar com naturalidade sua vida passada, mas duvidava de que outra pessoa fosse tão condescendente com o fato. Esticando-se para cima, colocou dois dedos nos recôncavos apropriados, deixando que o calor da mão ativasse os sensores ocultos.

Com um ruído abafado, o painel abriu-se.

Ela passou para o interior do compartimento, fechando a porta oculta atrás de si e olhou ao redor. Construída ao lado do poço do turboelevador, a passagem privada do Imperador era estreita. Mas fora planejada com iluminação permanente e era à prova de poeira e de som. E o mais importante: conduzia ao piso onde estavam os inimigos.

Dois minutos e três escadarias mais tarde, ela estava na saída que se abria para o andar de Organa Solo. Inspirando, preparou-se para o combate e saiu para o corredor.

Com o tiroteio ocorrendo três lances abaixo, Mara esperava encontrar mais um homem na retaguarda, próximo ao núcleo do ataque. Estava certa: havia dois homens abaixados, usando o já conhecido uniforme da Segurança do Palácio. Encontravam-se de costas para ela, os olhos postos ao final do corredor. O barulho dos desintegradores pesados que vinha do outro lado foi mais do que suficiente para encobrir-lhe os passos leves e nenhum dos dois chegou a saber o que os atingiu. Uma breve verificação confirmou que se encontravam fora de combate, depois Mara dirigiu-se para os aposentos de Organa Solo.

Chegando lá, começava a escolher seu caminho entre os destroços, quando os disparos no interior foram abafados por uma explosão.

Cerrou os dentes, escutando os desintegradores dos defensores respondendo o fogo dos invasores. Entrar de qualquer maneira seria urna boa forma de morrer. Porém se entrasse devagar, alguém lá dentro poderia morrer antes que ela estivesse em posição de tiro.

A menos que...

Leia Organa Solo, chamou Mara, usando a Força. Não tinha certeza se a outra era capaz de ouvi-la, porém continuou assim mesmo. *Aqui é Mara. Estou atrás deles. Renda-se. Está me ouvindo? Renda-se. Renda-se.*

Ao aproximar-se da porta, ela escutou o grito de Organa Solo, quase inaudível no meio do tiroteio.

— Parem! Nós nos rendemos!

Com cuidado, Mara arriscou um olho através da porta. Lá estavam: quatro agentes do Império, em pé ou de joelhos ao lado da porta, os desintegradores apontados para dentro. Dentro havia mais dois, levantando-se do chão. Nenhum deles olhou em sua direção.

Sorrindo para si mesma, Mara levantou o desintegrador e abriu fogo.

Derrubou dois antes que os outros chegassem a perceber de onde vinha o ataque. Um terceiro caiu quando girou, tentando apontar a arma na direção dela. O quarto já se voltara, quando um disparo vindo do interior o abateu.

Cinco segundos depois, tudo estava terminado.

Houve apenas um sobrevivente.

— Acreditamos que seja o líder do grupo — disse Bel Iblis a Han, enquanto os dois caminhavam pelo corredor em direção à ala médica. — Em princípio, foi identificado como major Himron. Mas não sabemos com certeza se vai recuperar a consciência.

Han assentiu, olhando por sobre o ombro para mais um par de guardas da Segurança. Pelo menos aquele atentado servira para melhorar o patrulhamento do palácio. Já era tempo.

— Alguma pista sobre como entraram?

— Essa seria minha primeira pergunta — disse o general. — Venha por aqui... ele está na unidade de tratamento intensivo.

Lando aguardava à porta com um dos médicos, quando os dois chegaram.

— Tudo bem? — indagou. — Mandeí Chewie para cima, mas me disseram para ficar ao lado do prisioneiro.

— Tudo ótimo — assegurou Han. — Chewie estava ajudando Leia e Winter a se arrumarem em outro quarto. A propósito, muito obrigado por vir nos salvar.

— De nada. Especialmente por que tudo o que tive de fazer foi vigiar. Não podia ter esperado um pouco para começar a festa?

— Não olhe para mim, amigo. Quem coordenou tudo foi Mara.

— Certo... Mara — disse Lando.

— O que você quer dizer com isso? — estranhou Han.

— Não sei. Ainda tem alguma coisa a respeito dela que me incomoda. Lembra de quando estivemos na base de Karrde em Myrkr, antes de Thrawn aparecer e a gente se esconder na floresta?

— Você disse que a conhecia de algum lugar — lembrou Han, que também ficara intrigado pela observação. — Conseguiu descobrir de onde era?

— Ainda não. Mas estou chegando perto. Tenho certeza. Han olhou para Bel Iblis e o médico, pensando no que Luke contara alguns dias depois da fuga em Myrkr. Ela dissera, sem rodeios, que pretendia matá-lo.

— Seja o que for, agora ela está do nosso lado.

— Talvez — concedeu Lando.

— Estamos tentando acordá-lo — anunciou Bel Iblis. — Venham.

Entraram juntos. Ao redor do leito da UTI encontravam-se meia dúzia de médicos e robôs Emede, mais alguns agentes de alto patente na Segurança. Ao aceno do general, os médicos fizeram alguma coisa com o aparelho ligado ao braço do agente do Império; enquanto Han e Lando assumiam lugares ao lado do leito, o paciente tossiu e seus olhos se abriram.

— Major Himron? Pode me ouvir, major? — indagou um dos agentes.

— Sim — respondeu, piscando algumas vezes. Os olhos percorreram as fisionomias das pessoas ao redor. Han teve a impressão de que ele ficou mais alerta. — Sim, posso.

— O atentado falhou — continuou o agente. — Seus homens estão todos mortos e não temos certeza se você vai sobreviver.

Himron suspirou e cerrou os olhos. Mas o rosto ainda parecia alerta.

— Azares da guerra...

Bel Iblis inclinou-se para a frente.

— Como entraram no palácio, major?

— Acho que agora... não tem mais importância — murmurou, respirando com dificuldade. — Porta traseira... do sistema de passagens secretas. Trancado por dentro. Ela nos deixou entrar.

— Alguém deixou vocês entrarem? Quem foi?

Himron abriu os olhos.

— Nosso contato... codinome Jade.

— Mara Jade? — indagou Bel Iblis, olhando para Han.

— Isso... agente especial do Império... Já foi chamada... Mão do Imperador.

Himron silenciou e pareceu afundar no leito.

— Isso é tudo quanto posso permitir por enquanto, general Bel Iblis — declarou o chefe da equipe médica. — Ele precisa de repouso e queremos que a situação estabilize para que sobreviva. Dentro de um ou dois dias, talvez fique forte o suficiente para responder mais perguntas.

— Tudo bem. Ele já nos forneceu o suficiente para começar — declarou um dos agentes, dirigindo-se para a porta.

— Espere um pouco. Onde vai? — quis saber Han.

— Onde acha que vou? Vou mandar prender Mara Jade.

— Baseado em quê? Na palavra de um agente do Império?

— Ele não tem escolha, Solo — interveio Bel Iblis, colocando a mão no ombro do compatriota. — E necessário que seja ordenada uma detenção por precaução, em casos dessa gravidade. Não se preocupe... a gente ajeita tudo.

— É melhor mesmo — disse Han, irritado. — Agente do Império uma ova! Ela matou pelo menos três inimigos... Lando?

Interrompeu-se ao ver o olhar no rosto do amigo.

— Acabei de lembrar onde foi que vi o rosto dela antes! — declarou Lando. — Era uma das novas dançarinas no palácio de Jabba, em Tatooine, quando fomos lá para descongelar você.

— No palácio de Jabba?

— Isso. E não tenho certeza... mas em toda aquela confusão quando fomos para o Grande Poço de Carkoon, parece que foi ela que eu vi pedindo a Jabba para vir junto na balsa à vela. Não, não estava pedindo... implorando seria uma palavra melhor.

Han olhou para o major Himron, agora inconsciente. A Mão do Imperador? E Luke dissera que ela pretendia matá-lo? Sacudiu a cabeça.

— Não me importo com o que era. Ela nos salvou dos homens do Império, lá em cima — declarou com fervor. — Vamos lá. Vamos ajudar a acomodar Leia e os gêmeos. Depois pretendo descobrir o que anda acontecendo por aqui.